

## **FOTOGRAFIAS POST-MORTEM: VARIAÇÕES DE ESTILOS DE FOTOGRAFIAS VITORIANAS**

*POST-MORTEM PHOTOGRAPHS: VARIATIONS OF STYLES OF VICTORIAN PHOTOGRAPHS*

**Amanda Basilio Santos<sup>1</sup>**

Doutoranda/UFRGS  
amanda\_hatsh@yahoo.com.br

### **RESUMO**

Este artigo analisa uma série fotográfica do estilo Post-Mortem durante o período vitoriano, em especial aquelas registradas durante o século XIX. Considerando os custos fotográficos neste período, muitas vezes o único registro que uma família podia ter de seus entes era após o falecimento, particularmente em relação às crianças, que possuíam no período uma alta taxa de mortalidade, e muitas vezes não eram fotografadas em vida. Os modos escolhidos para fotografar o falecido possuem variações, objetivo maior desta análise. O finado podia ser fotografado sozinho, em estado de sono, dentro do caixão, em pé, como se estivesse ainda vivo, assim como podia ser fotografado junto aos seus familiares, em cenas de configuração clássica, maquiado de modo que muitas vezes dificulta a identificação do falecido dentre os vivos. Pretendemos, portanto, apresentar estas variações fotográficas, avaliando as diferentes configurações deste gênero fotográfico.

**Palavras-chave:** Fotografia. Post-Mortem. Iconografia.

### **ABSTRACT**

This article analyzes a photographic series of the Post-Mortem style during the Victorian period, especially those recorded during the 19th century. Considering the photographic costs in this period, often the only record that a family could have of their loved ones was after the death, particularly in relation to the children, who had a high death rate in the period, and were often not photographed in life. The modes chosen for photographing the deceased have variations, what is the main objective of this analysis. The deceased could be photographed alone, in a state of sleep, inside the coffin, standing as if he were still alive, just as he could be photographed with his family in scenes of a classic configuration, so that it is often difficult to identify of the deceased among the living. We intend, therefore, to present these photographic variations, evaluating the different configurations of this photographic genre.

**Keywords:** Photography. Post-Mortem. Iconography.

### **Introdução**

A busca do ser humano pelo registro imagético por meio da utilização da luz já é uma história secular, que remonta a experiências feitas já na Grécia Antiga, onde químicos e alquimistas já faziam um processo de reprodução imagética pela passagem de luz por um pequeno orifício. Todavia, os processos de registro fotográfico como conhecemos hoje tem sua origem dedicada aos experimentos e técnicas desenvolvidas principalmente por três

---

<sup>1</sup> Mestra em História (UFPEL); Especialista em Artes (UFPEL); Doutoranda em História (UFRGS); Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPEL). Membro do LAPI (Laboratório de Política e Imagem – UFPEL). Membro do CLAEAC (Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura).

homens, ainda no século XIX: Joseph Nicéphore Niépce, Louis Jacques Daguerre e Henri Talbot. Primeiramente Niépce desenvolveu uma forma de fixar imagens com o uso de betume da judéa, forma esta que foi aprimorada posteriormente ao seu falecimento pelo seu parceiro, Daguerre, com o uso de iodo usado em placas de cobre. Daguerre utilizava também o vapor de mercúrio, sendo que este aumentava o contraste da imagem obtida, além de ser um facilitador no processo de fixação. Talbot nos traz uma grande contribuição no processo de revelação, por meio do calótipo, tornando o processo mais eficaz e rápido (KOSSOY, 2001).

A técnica de maior repercussão, todavia, foi desenvolvida por Daguerre, e ficou conhecida como daguerreotipo, se tornando uma das formas mais utilizadas para captura de imagem fotográfica, mesmo que em um primeiro momento pudesse gerar receios e mistificações. O uso do daguerreotipo gerou muitas discussões, pois afetou de modo profundo o espaço ocupado pelas pinturas, embora os artistas do período defendessem que a fotografia jamais poderia ser considerada como uma arte, sendo vista como um campo mecânico e técnico. Isso não impediu que a fotografia se tornasse algo popular, e que o seu produto ornasse as paredes das casas. Muito dos tratamentos dados às fotografias pode ser visto como um trabalho de arte, embora os artistas o negassem, desde o enquadramento, a seleção de cenário, até o processo conhecido como *photo-peinture*, que trazia o acabamento artístico às fotografias pelo meio de uso de tintas, que eram utilizadas pelos fotógrafos para finalização do trabalho. A técnica de pintar as fotografias era muito recorrente nas post-mortem, para trazer aos falecidos um aspecto mais saudável e atribuir cor às suas feições.

Antes do advento da fotografia, o registro por meio da pintura era a forma mais utilizada para imortalizar a figura individual. Todavia, era muito custosa, o que excluía a possibilidade da maior parte da população de possuir um registro seu ou de um familiar, sendo a pintura algo reservado àqueles com grande acúmulo de riquezas e poder. Com a popularização fotográfica foi também ampliada as possibilidades de pessoas de menos abastamento financeiro também terem acesso ao registro visual de seus entes queridos.

Para ampliar ainda mais a popularidade das fotografias, tornando seu custo mais acessível a um público mais amplo, embora ainda fossem muito custosas para a maior parte da população, a partir de 1860 teremos a impressão das imagens em papel, e em formato de *carte-de-visite*, um modelo desenvolvido pelo fotógrafo francês Disdère. O uso destas

imagens facilitou o consumo, popularizando o hábito fotográfico, e cooperando para o surgimento dos álbuns familiares.

O estilo fotográfico post-mortem consiste em efetuar o registro fotográfico dos recém falecidos, sendo uma prática razoavelmente recorrente nos séculos XIX e parte do XX. A maior parte das fotografias que temos hoje conservadas são de crianças, sendo esta uma prática comum considerando a grande mortalidade infantil no período:

Post-mortem portraiture was commonplace, especially for children, the newly deceased being posed by photographers who specialized in the practice. In some instances, already interned bodies were exhumed because no post-mortem photograph had been taken. By the 1850s, specially coated portraits of the deceased in life or death begin appearing on tombstones.<sup>2</sup> (WICKENS-FELDMAN, 2008, p. 431)

Todavia, este costume é hoje considerado mórbido, e não vemos mais em álbuns familiares a presença dos falecidos em seu estado de morte, sendo hoje a morte vivenciada com um maior distanciamento, o que pode ser visto nos ritos funerários contemporâneos e na própria cultura material envolvendo a morte. No século XIX os rituais que envolviam o luto agregavam variadas ações na memorização dos fatos relacionados à morte de entes amados:

This nineteenth century involvement with mortality, its possible antecedent the afterlife, and new questions of belief, resulted in an intricate relationship with photography, where families celebrated death in albums that included photographs of clocks recording the time of death as well as the post-mortem photographs themselves<sup>3</sup>. (WEBSTER, 2008, p. 1332)

Todavia, este costume é hoje considerado mórbido, e não vemos mais em álbuns familiares a presença dos falecidos em seu estado de morte (MENDELYTÉ, 2012). As fotografias de mortos que estamos mais habituados a olhar sem tamanha morbidade são aquelas de figuras públicas ou de imagens de guerra, que talvez sejam mais toleráveis pelo distanciamento e a ideia de oficialidade destas imagens. Porém, as fotografias vitorianas retratavam os familiares, a maior parte deles ainda crianças, o que havia de mais íntimo e próximo aos vivos que solicitavam o registro fotográfico. Estas fotografias não foram feitas

---

<sup>2</sup> Tradução da Autora: “O retrato pós-mortem eram comuns, especialmente para crianças, sendo o recém-falecido representado por fotógrafos especializados na prática. Em alguns casos, os corpos foram exumados porque nenhuma fotografia post-mortem havia sido tomada. Na década de 1850, retratos especialmente revestidos dos falecidos na vida ou na morte começam a aparecer em lápides”.

<sup>3</sup> Tradução da Autora: “Este envolvimento do século XIX com a mortalidade, o possível antecedente da vida após a morte e as novas questões de crença, resultaram em uma intrincada relação com a fotografia, onde as famílias celebraram a morte em álbuns que incluíram fotografias de relógios que registraram o tempo da morte e como os próprios retratos post-mortem”.

para serem distribuída e vistas por estranhos, sendo na maior parte das vezes mantidas em casa, ou quando muito dadas como mementos dos falecidos àqueles próximos à família.

### **Fotografando os Mortos**

O ato de fotografar os mortos acompanha a tradição originária nas pinturas memoriais funerárias. Todavia, estas pinturas memoriais, reservadas às famílias mais abastadas, mesmo post-mortem retratavam as pessoas como em vida, algo que se buscou em alguns padrões da fotografia memorial, através da criação de cenários e de cenas que pudessem inserir o morto ainda na realidade dos vivos. Em algumas fotografias, todavia, temos uma visão clara de que a pessoa retratada está morta, sendo ela posta em caixões ou rodeadas por flores.

Apenas dois anos após o lançamento do daguerreotipo já temos os retratos post-mortem sendo produzidos. Já no ano de 1850 praticamente qualquer família que assim desejasse já poderia ter uma fotografia memorial de seus amados, por uma quantia em torno de 25¢ por uma foto de daguerreotipo (GUYNN, 2008).

A morte, a infantil principalmente, era algo muito familiar no século XIX, e as fotografias serviam como uma forma de consolo no período de luto que seguia a perda de um ente tão jovem:

Because death usually occurred at home, the experience of death was shared by all family members, as a event to be recorded and remembered. The death of a loved one signaled the completion of relationships, the closing of the circles of family and life. In some sense, the visual manifestations of mourning, and perhaps postmortem photographs most of all, were the links that served as both the aperture and closure of the circle.<sup>4</sup> (GUYNN, 2008, p. 1164).

Para além do consolo aos familiares durante o luto, a fotografia post-mortem servia a outros propósitos, como o compartilhamento da imagem do falecido e dos detalhes de sua perda, com aqueles que não estavam por perto ou que pouco conheciam do mesmo, sendo muitas vezes enviadas a parentes e a pessoas de algum modo próximas aos familiares. Auxiliavam também na memorização e na manutenção dos detalhes memoriais que se tinham

---

<sup>4</sup> Tradução da Autora: “Como a morte geralmente ocorria em casa, a experiência da morte era compartilhada por todos os membros da família, como um evento a ser gravado e lembrado. A morte de um ente querido sinalizava a conclusão dos relacionamentos, o fechamento dos círculos da família e da vida. Em certo sentido, as manifestações visuais do luto, e talvez as imagens pós-morte, acima de tudo, eram conexões que serviram tanto de abertura quanto de encerramento do círculo”.

das pessoas falecidas. Muitas vezes, especialmente no caso de bebês, não havia sido possível fotografar a pessoa em vida, de modo que a única forma de preservar a sua memória física era após o falecimento por meio deste estilo fotográfico. Portanto, era uma ferramenta para impedir que a pessoa e seus traços, suas peculiaridades, acabassem destorcidas ou esquecidas com o passar do tempo.

Esta prática fotográfica exigia uma rápida ação dos familiares e dos fotógrafos, pois para aqueles que não teriam seus familiares embalsamados, a decomposição e consequente deformação iriam afetar o resultado fotográfico. Por conta disso, logo do falecimento a pessoa era levada ao estúdio fotográfico ou o próprio fotógrafo ia a residência preparar o corpo e efetuar o registro. Para que fosse obtido um resultado satisfatório várias técnicas eram postas em prática dependendo do resultado ou pose desejada pelos familiares. Como é possível ver na fotografia abaixo, haviam apoios para manter a cabeça erguida e a postura durante a fotografia (*Figura 1*).



Figura 1: Fotografia de um fotógrafo efetuando o registro fotográfico de um jovem falecido e apoiado por equipamentos para manter-se na pose adequada. Fonte: <http://culture.pl/pl/artykul/post-mortem-czyli-krotka-opowiesc-o-fotografii-mortualnej>, acessado pela última vez em 08 de janeiro de 2018.

A preocupação com a postura do indivíduo e o desejo de apresentar o morto nas fotografias em cenários que lembrassem retratos familiares clássicos ou de colocá-lo em cenas do cotidiano, como se estivesse ainda vivo, levou ao desenvolvimento de variados aparatos (*Figura 2*) para sustentação do corpo durante a fotografia, sendo que estes também eram usados para auxiliar os vivos a manterem as poses pelos longos períodos de exposição para a fotografia. Estes aparatos eram então disfarçados na fotografia pelo ângulo da fotografia, pelo cenário e pelas roupas escolhidas.

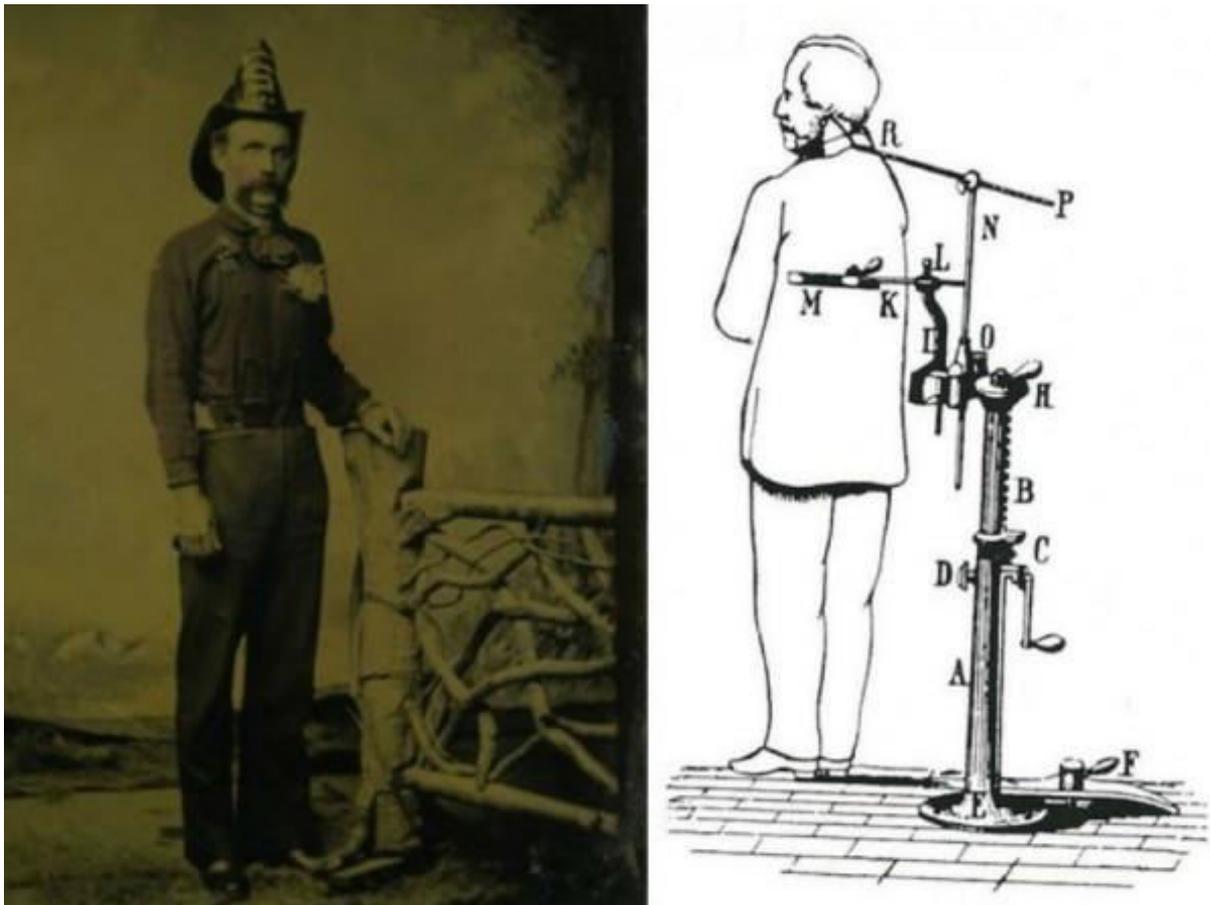


Figura 2: Exemplo de aparatos utilizados para manter a postura do falecido. Fonte: <https://pin.it/uon3dxgtn3uhqe>, acessado pela última vez em 08 de janeiro de 2018.

No início deste estilo fotográfico vemos claras associações com as pinturas post-mortem mais clássicas, que incluíam a presença de relógios (muitas vezes marcando o horário do falecimento do indivíduo) e de garrafas de medicamentos. Nas fotografias das décadas de 1840 e 1850 podemos verificar uma grande simplicidade no arranjo da cena, sendo o indivíduo falecido fotografado de perto e sozinho, geralmente com a fotografia tirada no próprio local onde a pessoa morreria, geralmente em cama ou berço, ou no caso de crianças,

ainda temos fotografias das mesmas nos braços de seus pais. Afora as imagens que nos deixam pensar que podem ser crianças adormecidas, o fato da morte é bem evidente nestas fotografias iniciais já que há pouco ou nenhum preparo do corpo. Este estilo ficou conhecido como “*The last Sleep*”, o último sono, sendo o estilo predominante até 1880 (GUYNN, 2008).

No desenvolvimento deste modo fotográfico, também foi apropriado o costume dos retratos póstumos de incluir no cenário itens que fossem queridos pelo falecido ou representativo de sua vida, faixa etária... Deste modo, em fotografias infantis não é raro a presença de brinquedos em torno do corpo, muitas vezes fornecidos pelo próprio estúdio.

Com o passar do tempo passou-se a desenvolver uma série de novos padrões, específicos às fotografias vitorianas post-mortem. Estes padrões nos trazem a montagem de cenário e a cena em diferentes configurações, com o destaque para os nove seguintes padrões estabelecidos em nossa análise:

- Apresentação do falecido dentro de um caixão sozinho ou com a presença de um ou mais familiares;
- Apresentação do falecido com flores em um caixão ou sobre uma cama ou berço;
- Inserção do falecido em retratos familiares clássicos;
- Apresentação do falecido cercado por objetos (ex. bonecas) ou seres (ex. cães) de seu apreço;
- Apresentação do falecido como em estado de sono seja sozinho ou cercado por parentes;
- Apresentação do falecido como se ainda estivesse vivo em poses clássicas;
- Fotos de grupos de pessoas falecidas em uma única fotografia;
- Retratos de viúvas e pessoas de luto por um parente falecido, sem a presença do cadáver;
- Fotografias post-mortem de animais de estimação, dominado pela presença de cachorros, embora haja gatos e outros animais.

Começando pelo primeiro padrão ressaltado, este talvez seja uma das formas mais recorrentes de representação, com algumas diferenças de escolhas dentro do padrão, como por exemplo, o retrato do falecido isolado e de perto (*Figura 4*), o retrato do falecido dentro do

caixão, mas de um ângulo distante do caixão (*Figura 5*), com os parentes em torno do caixão (*Figura 6*). Estas são as formas mais recorrentes quando temos o falecido dentro de seu caixão. Deste modo, neste padrão a morte é aparente e inegável, não havendo nenhum romantismo ou tentativa de disfarçar a condição do retratado.



Figura 4: Fotografia feita com daguerreotipo por volta de 1845 de um bebê disposto em um caixão. Fonte: <https://flic.kr/p/aDf8Ef>, acessado pela última vez em 08 de janeiro de 2018.



Figura 5: Impressão em papel albuminado. Fotografia do velório de Iola Haley Newell, 1901. No espelho é possível ver o reflexo de duas mulheres em luto. Fonte: <https://flic.kr/p/dWhv33>, acessado pela última vez em 08 de janeiro de 2018.



Figura 6: Família em torno dos caixões dos gêmeos. Fonte: <http://mourningportraits.blogspot.com.br/2010/08/dead-twins-with-family.html>, acessado pela última vez em 08 de janeiro de 2018.

Outro padrão recorrente é o falecido ser fotografado em meio a muitas flores, seja em seu caixão (*Figura 5*), ou em uma cama (*Figura 7*) ou berço (*Figura 8*), provavelmente o local onde ocorreu seu falecimento:



Figura 7: Menino falecido, cercado por flores em sua cama, séc. XIX. Fonte: <https://flic.kr/p/aJd8BX>, acessado pela última vez em 08 de janeiro de 2018.



Figura 8: Cartão de gabinete em albumina. Bebê falecido em Cot, 1890. Fonte: <https://flic.kr/p/d7ciEq>, acessado pela última vez em 08 de janeiro de 2018.

O próximo padrão diz respeito a inserção dos falecidos em cenas de retratos familiares tradicionais (*Figura 9*), onde ele é posto de modo a parecer vivo entre os demais parentes, seja em pé ou sentado em cadeiras ou poltronas. Para estas poses, um maior trabalho era necessário na preparação do corpo assim como o uso dos suportes citados anteriormente, que permitem a execução destas cenas.



Figura 9: Impressão em papel albuminado. Fonte: <https://pin.it/5vzvn2g4vdwkez>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

Outro estilo bastante usual é a inserção dos indivíduos entre os objetos de seu apreço ou condizentes com os gostos de sua faixa etária (*Figura 10*), estes sendo muitas vezes fornecidos pelo próprio estúdio fotográfico para compor a cena da fotografia. Temos também cenas compostas pelos mortos entre os animais de sua estima (*Figura 11*).



Figura 10: Impressão em papel albuminado. Menina falecida entre bonecas. Final do século XIX. Fonte: <https://flic.kr/p/9GCDan>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.



Figura 11: Homem falecido com seus cachorros. Final do século XIX. Fonte: <https://pin.it/a6fg6n4lhvh6pm>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

Em alguns casos, os objetos serviam como efígies nas fotografias, substituindo o falecido, vestindo suas roupas, como no caso da imagem abaixo (*Figura 12*), que no enterro da pequena Aelea Stephens, sua boneca de porcelana, bem à esquerda da fotografia, em tamanho referente a sua idade no momento de seu falecimento, aparece na foto vestindo suas roupas e é acompanhada pela sua família. Ao lado do pai direito do pai há uma fotografia de Aelea.

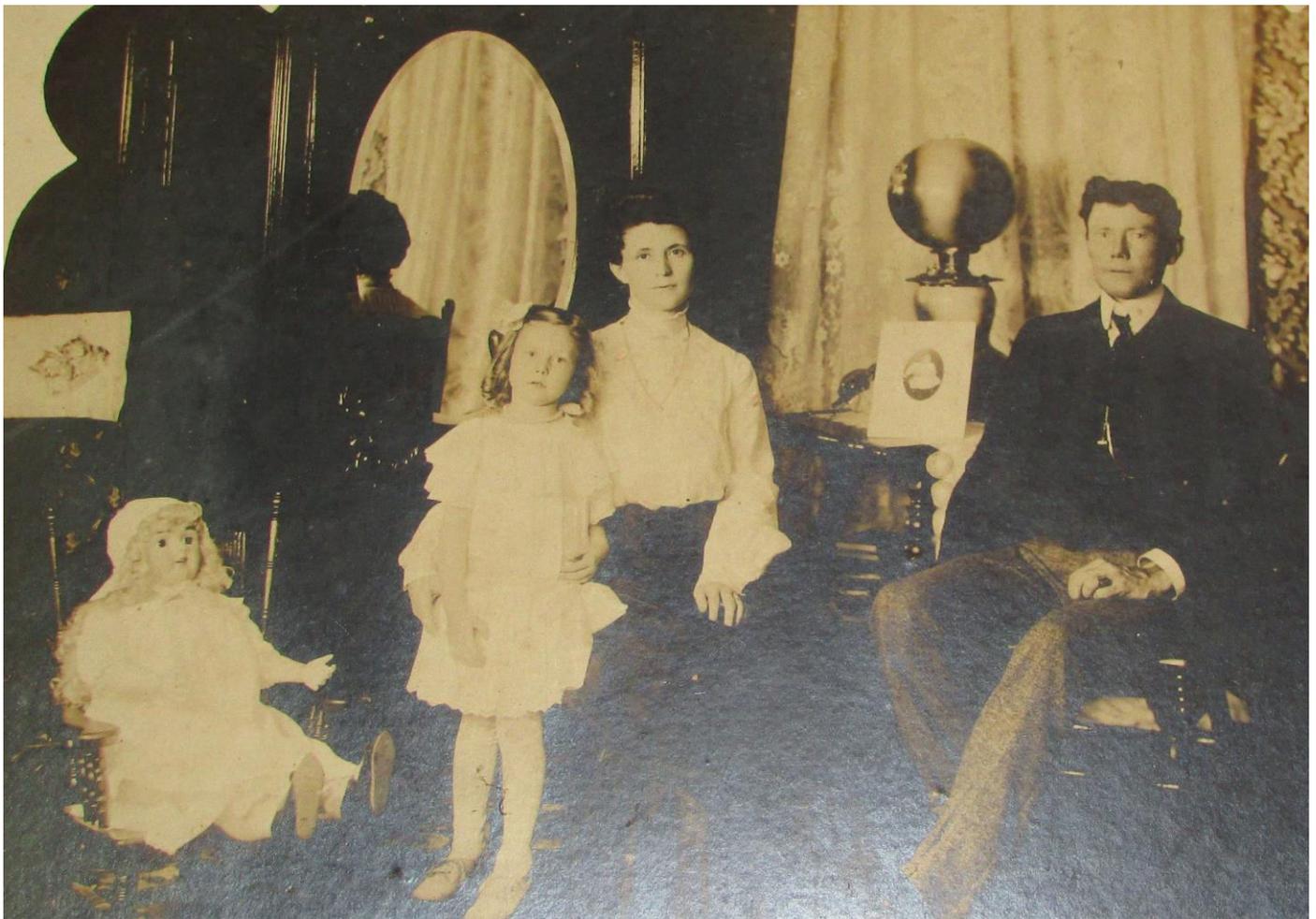


Figura 12: Família reunida em torno de menina falecida que parece dormir no meio da sala. Final do século XIX.

Fonte: <https://pin.it/a6fg6n4lhvh6pm>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

Temos também situações onde o falecido aparenta estar adormecido, seja sozinho (*Figura 14*) ou cercado por parentes. Na foto abaixo podemos ver a continuidade de elementos do estilo anterior, sendo que a menina “adormecida” tem em seu entorno bonecas e animais de pelúcia (*Figura 13*).



Figura 13: Família reunida em torno de menina falecida que parece dormir no meio da sala. Final do século XIX.

Fonte: <https://pin.it/a6fg6n4lhvh6pm>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

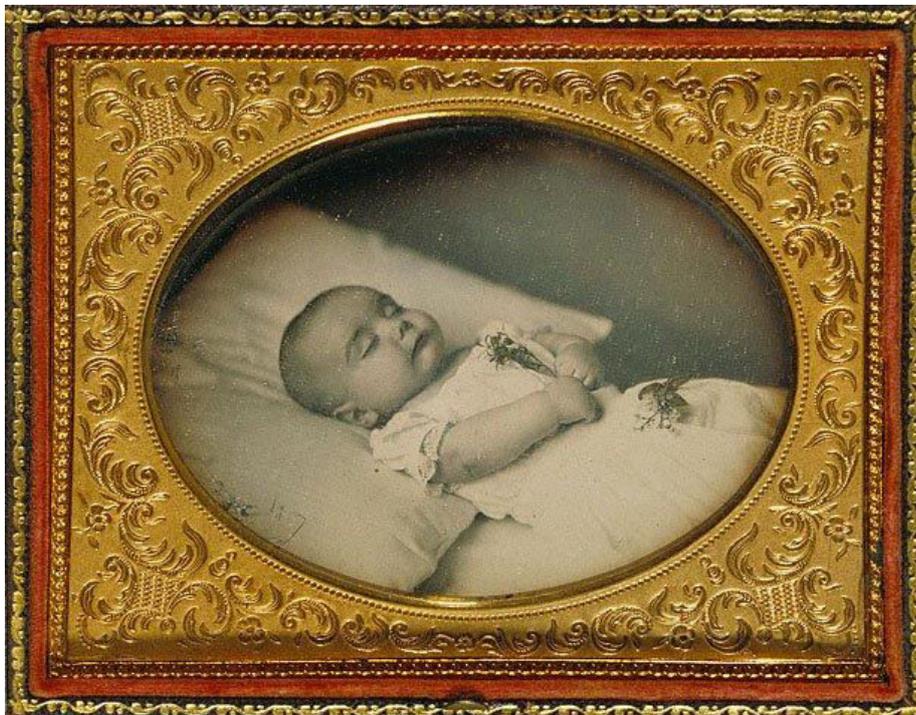


Figura 14: Ambrótipo. Bebê falecido que parece dormir. Fonte: <https://pin.it/ty22bquhrrhpen>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

Também encontramos fotos do falecido como se ainda estivesse vivo em poses clássicas, como na imagem abaixo (*Figura 15*), em que temos uma clássica foto familiar, com as crianças alinhadas pela altura, e no extremo esquerdo a menina falecida posando junto aos seus irmãos. Vemos que a postura das mãos da menina é extremamente rígida, seus olhos estão fechados, mas isso ocorria com frequência por conta do flash fotográfico. Sua cabeça também se encontra pendente para trás, ampliando a rigidez de sua postura.



Figura 15: Menina falecida posando junto aos seus irmãos. Fonte: <http://www.bbc.com/news/uk-england-36389581>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

Embora predominassem as fotos individuais de falecidos, temos também exemplos de fotografias onde um grupo de pessoas falecidas “posam” em conjunto, sendo um post-mortem familiar, geralmente ocorrido por tragédias, como assassinatos (*Figura 16*), como na foto da família de Carrie L. Parsons, cujos cadáveres apresentam claro sinal de trauma, ou casos onde doenças levavam consigo um grupo familiar inteiro (*Figura 17*).



Figura 16: Foto dos Parsons, após seus assassinatos. Fonte: <http://www.bbc.com/news/uk-england-36389581>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.



Figura 17: Mãe e filha falecida, 1900. Fotógrafo: Blakemore, Staunton, Va. Fonte: <https://pin.it/7zq3tvk4wygefq>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

Outro estilo comum eram as fotos post-mortem sem a presença de cadáveres, sendo a representação e uma lembrança do luto sofrido pelos familiares, sendo estas fotografias tiradas em diferentes configurações: família em luto (*Figura 18*), família em luto com objetos ou fotografias do falecido (*Figura 19*); fotografias ao lado da lápide (*Figura 20*); a ausência da presença (*Figura 20*).



Figura 18: Mulheres em luto pelo pai e marido, 1882, Ferrotipia. Fonte: <https://flic.kr/p/j7FuoR>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.



Figura 19: Família em luto exibindo a foto do falecido, 1880, cartão de gabinete em albumina. Fonte: <https://flic.kr/p/ee7KP6>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.



Figura 20: Mulher em luto junto à lapide de Elma Beckmann, 1900, cartão de gabinete em albumina. Fonte: <https://flic.kr/p/ffoPca>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.



Figura 21: A ausência do falecido, destacado pelo espaço vazio na cadeira, 1890, impressão em albumina. Fonte: <https://flic.kr/p/nwDgar>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

Por fim, temos um grupo de fotografias muito interessantes, pois mostra a aplicação do uso da fotografia para além de humanos e paisagens, o retratamento de animais. As fotos post-mortem mais conhecidas com certeza são aquelas que trazem a foto de cadáveres humanos, todavia, não era incomum o ato de fotografar um animal de estimação muito amado que falecera.

Embora os animais mais comuns deste grupo fotográfico sejam os cachorros (*Figura 22*), temos também fotografias dedicadas à memória de pássaros (*Figura 23*), gatos (*Figura 24*), etc. Assim como temos com as composições de fotografias humanas, a dos animais também trazem diferentes cenas, como o animal em isolamento como veremos na foto a seguir, ou com o animal cercado pela família que lamenta a sua perda, como na fotografia com as meninas e o pássaro.



Figura 22: Fotografia de um cão falecido, impressão em albumina, fotógrafo John Burton & Sons. Fonte: <https://pin.it/cw2uy27yolwyg6>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.



Figura 23: Crianças lamentam a morte de seu pássaro. Cartão em Stereoview, 1875. Fonte: <https://flic.kr/p/kLaQGP>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.



Figura 24: Mulher lamenta a perda de seu gato, já disposto em um pequeno caixão. Fonte: <https://pin.it/gwtdhamnua3reb>, acessado pela última vez em 10 de janeiro de 2018.

## Considerações parciais

As fotografias ampliaram para um amplo número de pessoas a possibilidade de manter um memento mori de seus entes queridos, embora estes já não estivessem mais presentes. Desta forma um estilo fotográfico se estabeleceu, conhecido como fotografias post-mortem, que, como vimos, se apresentam com uma gama variada de possibilidades de composição. Neste artigo, exploramos nove grupos de fotografias dentro deste estilo, que incorpora desde a fotografia de humanos até as de animais falecidos, e ainda um modo no qual não possuímos cadáveres fotografados, mas que representam a sua memória e a dor familiar pela sua perda.

Este estilo fotográfico pode nos parecerem estranhos, dados aos costumes funerários contemporâneos e ao maior afastamento que nossa cultura atual ocidental coloca diante da morte. Todavia, era uma forma de vivenciar o luto e de honrar quem nos deixam próprios do período vitoriano, que tratava este fato tão ligado a vida como é a morte, de modo mais natural e presente em seus cotidianos.

## Referências

- ALBARRACÍN, A. M. H. Usos y significados sociales de la fotografía post-mortem en Colombia. **Universitas Humanística**, v. 75, n. 14, p. 329-355, 2013.
- BATCHEN, G. **Forget me not: Photography and remembrance**. New York, Amsterdam: Princeton Architectural Press; Van Gogh Museum, 2004.
- BLOOD, C.; CACCITORE, J. Parental Grief and Memento Mori Photography: Narrative, Meaning, Culture, and Context. **Death Studies**, v. 38, n. 4, p. 224-233, 2014.
- BOLLOCH, J. **Post-Mortem**. Actes Sud: Arles, 2007.
- BORGO, M.; LICATA, M.; IORIO, S. Post-mortem Photography: the Edge Where Life Meets Death? **De Gruyter Open**, v. 2, p. 103-115, 2015.
- BOWN, N. Empty Hands and Precious Pictures: Post-mortem Portrait Photographs of Children. **Australasian Journal of Victorian Studies**, v. 14, n. 2, p. 8-24, 2009.
- CUARTEROLO, A. Fotografiar la muerte: La imagen en el ritual póstumo. **Todo es Historia**, Buenos Aires, v. 424, p. 24-34, 2002.
- CUARTEROLO, A. La visión del cuerpo en la fotografía mortuoria. **Aisthesis**, Santiago, v. 35, p. 51-55, 2002.

FRANZ, S. Alive, yet dead: mourning in the Victorian period. **VIDES**, v. 9, n. 16, p. 203-212, 2017.

GUYNN, B. Postmortem photography. In: HANNAVY, J. **Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography**. New York e Londres: Routledge, 2008. p. 1164-1167.

HANNAVY, J. (Ed.). **Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography**. New York e Londres: Routledge, v. 1 - A-I, 2008.

HILLIKER, L. Letting Go while Holding On: Postmortem Photography as an aid in the Grieving Process. **Illness, Crises & Loss**, v. 14, n. 3, p. 245-269, 2006.

HIRSCH, M. **Family Frames: photography, narrative and postmemory**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

JUPP, P.; GITTINGS, C. (Eds.). **Death in England: An Illustrated History**. Manchester: Manchester University Press, 1999.

KOSSOY, B. **História & Fotografia**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAUXEN, B. J. **Representações do intangível: uma análise das fotografias post-mortem, na cidade de Ijuí, início do século XX**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de História, 2016. 61 p.

LINKMAN, A. Taken from Life: Post-mortem portraiture in Britain, 1860-1910. **History of Photography**, v. 30, n. 4, p. 309-347, 2006.

LINKMAN, A. **Photography and Death**. Londres: Reaktion Books, 2011.

MEANA-MATÍNEZ, J. C. La imagen de la muerte: Reflexiones sobre su representación. **Arte, Individuo y Sociedad**, v. 29, n. 2, p. 317-332, 2017.

MENDELYTÉ, A. Death (in the Eye): of the Beholder: an Encounter with Victorian Post-Mortem Photography. **SYNÆSTHESIA: Communication across Cultures**, v. 1, n. 3, p. 84-90, 2012.

MORCATE, M. Duelo y fotografía post-mortem: Contradicciones de una práctica vigente en el siglo XXI. **Sans Soleil: Estudios de la imagen**, v. 4, p. 168-181, 2012.

MORD, J. **Beyond the Dark Veil: Post Mortem & Mourning Photography from The Thanatos Archive**. São Francisco: Last Gasp, 2014.

PULTZ, J. **The Body and the Lens: Photography 1839 to the Present**. New York: Perspectives, 1995.

RUBY, J. **Secure the shadow: Death and Photography in America**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

SANTOS, C. J. D. **O corpo, a morte, a imagem:** a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes, 2015. 288 p.

SCHMITT, J. L. D. M. **Mortes Vitorianas:** corpos e luto no século XIX. São Paulo: Dissertação de mestrado, Centro Universitário Senac, 2008.

WARREN, L. (Ed.). **Encyclopedia of Twentieth-Century Photography.** New York: Routledge, v. I - III, 2006.

WEBSTER, C. Spirit, Ghost, And Psychic Photography. In: HANNAVY, J. **Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography.** New York e Londres: Routledge, 2008. p. 1331-1334.

WEESJES, E. Don't Move' – A Short History of Post-Mortem Photography. **United Academics Blog**, v. 3, p. 1-3, Abril 2013.

WICKENS-FELDMAN, R. Domestic And Family Photography. In: HANNAVY, J. **Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography.** New York e Londres: Routledge, v. I - A-I, 2008. p. 431-434.